

LUTAR E RESISTIR: Uma Desconstrução do Gênero Feminino

Ane Caroline Ramires de Souza

Graduanda em Psicologia,
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

André Masao Peres Tokuda

Mestre em Psicologia – UNESP
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Laiana Tiemi Kawashima

Graduada em Psicologia
Docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo compreender a construção do gênero feminino em uma sociedade patriarcal, discutindo as lutas por igualdade e independência e como o feminismo pode influenciar no processo subjetivo da mulher no âmbito familiar e profissional. Com isso acreditamos que as lutas das mulheres no passado fizeram com que as atuais pudessem continuar na busca por seus direitos e empoderamento. Assim, apresentaremos argumentos para tais questionamentos como, o estudo da importância dessa desconstrução do gênero feminino na sociedade, seus impactos em frente de uma sociedade patriarcal, quando ocorreu essa desconstrução e o que levou o gênero feminino se levantar para tal causa como feminismo – abordaremos também sobre o movimento feminista que teve início na década de 1960, no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: gênero-feminino; feminismo; sexualidade e gênero.

1 INTRODUÇÃO

O gênero é constituído socialmente em relação ao sexo, masculino e feminino, ao contrário do sexo que é biológico. O que isso quer dizer? Que o sexo é uma forma de diferenciar as pessoas pela genitália e o gênero está relacionado com as funções sociais que se espera deste sexo. Há muitos anos o gênero feminino, a menina/mulher, era “construída” para ter filhos/filhas, ser dona de casa e uma ótima esposa, ser recata e do lar, sua sexualidade se remetia a divindade, logo recebia diversas recomendações, por exemplo, de não se sentar de pernas abertas, cobrir as partes íntimas, não tocar em sua genitália, “isto é feio”, já os meninos foram “construídos” com a ideia de que são os “todos poderosos”, exaltando a testosterona, são os garanhões, não é feio chamar de “pegador” enquanto para a menina seria um adjetivo negativo/pejorativo, porque é criada de forma ao contrário do menino/homem.

Antigamente, a palavra gênero levava consigo na gramática da língua portuguesa a significância de indicar o gênero de um determinado substantivo, sendo

feminino ou masculino e então obteve uma nova ressignificação por volta dos anos cinquenta, na revolução de mulheres feministas que davam início as suas pesquisas sobre sexualidade e gênero. A palavra que antes gramaticalmente havia um significado relevante para o idioma português agora tinha uma nova ressignificação na pesquisa sobre sexo e gênero, pois as mulheres nos seus estudos, explicavam que se espera um determinado comportamento do indivíduo conforme o gênero, pois tais expectativas eram/são criadas baseadas em cada sexo (SCOTT, 1995).

Segundo Griffin, o conceito de gênero sendo decorrente a uma desconstrução do sexo feminino, pois entra em questões como o biológico e social - o gênero feminino entendido como todo aquele indivíduo no qual se identifica com o sexo feminino.

A sexualidade ainda nos dias de hoje é um tabu pois há muito o que ser desvendado e desmistificado em relação ao sexo feminino e masculino, sendo que, para o último descrito é muito mais “liberal” já para o feminino algo a ser dito mais recatado assim não levantando muita curiosidade sobre o tema.

Desde os primórdios, discutir sobre sexualidade era algo de repúdio, em seus estudos Foucault, mostrou que na sociedade ocidental o sexo ligou a uma busca da verdade, levando em consideração, o que se pregava no cristianismo, para eles falar sobre essa dimensão, que é a sexualidade, sobretudo devidamente mantendo cautela rigorosa, sendo até mesmo vigiados e examinados tais discursos, para que não levantassem como verdades (RIBEIRO, 1999, p. 359).

A mulher referida imediatamente a um indivíduo familiar e/ou materno sendo constituído perante comportamentos e padrões nos quais foram prescritos para desempenhar, um ser humano já procrastinado com tais funções na sociedade.

Nessa construção social, o papel da mulher, sendo apenas o do instinto materno, a sua representação na qual se distinguia somente em função do lar, ser mãe, dona de casa, mas sobre tudo se ressaltava sua sexualidade feminina ao instinto feminino assim em função do seu aparelho reprodutivo.

Na sociedade brasileira seguimos, ainda, com o modelo patriarcal implantado pela tradição dos portugueses, porém, a “família tradicional” sofreu grandes transformações, principalmente, com o crescimento da história feminina.

Hirogoyen (2006) descreve a dominação dos homens sobre as mulheres, persistindo as desigualdades e discriminações, bem como no plano dos valores, tudo

que diz respeito ao feminino é sistematicamente desvalorizado.

Historicamente, o homem sempre foi considerado o detentor único do poder e a mulher sempre se viu excluída dele, isso condicionou o modo de pensar de ambos, desde o berço; as mulheres apreenderam, dessa forma, a desempenhar o papel que lhes foi assinalado, mesmo ele sendo desvalorizador. Este comportamento é uma expressão da desigualdade de gênero em nossa sociedade, que por sua vez é marcada pelas construções sociais (SOUZA, 2009, p. 12).

Sendo assim, a importância da desconstrução do gênero feminino na sociedade, pois hoje com as lutas cravadas podemos afirmar que esses indivíduos são singulares já não sendo mais submissas aos homens, muito menos da sociedade, são autoridades de sua própria independência.

A mulher passa a ser incluída no mercado de trabalho e sua escolaridade obteve melhorias, a mulher que era designada ao lar hoje se insere na vida pública e força mudanças nas estruturas sociais e familiares. Portanto, este estudo tem como objetivo apresentar a história da mulher enquanto indivíduo singular na sociedade e sua construção, sendo de extrema importância para compreensão desta batalha atualmente pois a luta árdua das mulheres pelos seus direitos de igualdade para alcançarmos uma transformação tanto na sociedade quanto nos seus valores culturais.

2 OBJETIVOS

Na construção deste artigo teremos como desígnios como discutir e mapear a desconstrução do gênero feminino e suas lutas na sociedade ocidental do século XIX ao XXI, sendo assim, realizando pesquisas bibliográficas sobre as relações de gênero e sexualidade, mapeando referências bibliográficas sobre a história das mulheres, pesquisando como se deu as lutas das mulheres do século XIX ao XXI e suas contribuições.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo visa realizar uma pesquisa bibliográfica em livros com autores como Simone Beauvoir, Michael Foucault, entre outros, em artigos acadêmicos, em teses e em dissertações sobre a construção da mulher na sociedade, sexualidade e gênero e

o movimento feminista, possibilitando uma cobertura muito mais abrangente sobre os fenômenos que se deseja investigar, ampliando o conhecimento acerca dos conteúdos do tema, se necessário também pesquisa pelos meios de comunicação tanto cinematográfico quanto por vídeos disponibilizados no Youtube. Usando também sites como UOL, BBC, SCIELO.

4 AS MULHERES E OS DISCURSOS DE BEAUVOIR

Simone de Beauvoir, francesa do século XX, feminista e filósofa existencialista descreve-se como discípula de Sartre e escritora pioneira nas questões sobre sexo e gênero. Colaborou com a teoria filosófica do existencialismo, teoria que discute a existência do ser humano, os questionamentos existenciais, como o sentido da vida.

A condição feminina, no qual, a autora discorre em sua obra seria a junção de sua vivência enquanto mulher com seus estudos aprofundados sobre o gênero feminino, assim, Beauvoir elabora a teoria de que a mulher é castrada de sua liberdade, tanto na sociedade quanto em sua vida particular, em contraposição, o menino/homem, que é estimulado sobre sua força, criatividade e habilidades

A obra “O Segundo Sexo”, a qual Beauvoir disse que foi concebida pois estava escrevendo sobre si, recebeu o título devido a autora acreditar que a mulher é colocada em um segundo plano, logo, sendo o segundo sexo, mas também desmiuça sobre a condição das mulheres, colocando diversas questões, como o homem se colocar como sujeito e a mulher o objeto, as dessemelhanças sustentadas entre mulher e o homem tido que são de forma natural e não cultural, entre outras (BEAUVOIR, 1980).

A distinção da criação do menino/homem para a menina/mulher é utilizada para que se crie que tais comportamentos diferentes sejam ditos naturais, no entanto são reforçados pela sociedade, por exemplo, dizer que a criação do filho ou o serviço de casa são devidamente comportamentos de mulher. Pois a menina/mulher fora criada de forma mais recatada enquanto o menino/homem viera ser criado de forma mais liberal, ela não pode estar em diversos relacionamentos com vários homens, ao contrário do menino/homem que se fizer tal comportamento será mais reconhecido pela turma como o ‘garanhão’ e ela como ‘piranha’. Adjetivos nos quais são usados para difamar a imagem da menina/mulher como piranha, puta, são usados de forma conotativa negativa, para tentarem diminuir e/ou reprimir a mulher, pois são mulheres

destemidas e vivem de forma que querem, principalmente sexualmente (FRANCHINI, 2017).

Bem como a condição feminina constituiu-se na pauta da segunda onda do feminismo na época da década de 50 até os meados do início da década de 90 nos quais tiveram estudos focados na condição da mulher pois iriam desmiuçar sobre a opressão feminina. Tais condições exploradas devido o sexo feminino e as funções reprodutivas assim caracterizando está fase de aversão pela luta dos direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade (FRANCHINI, 2017).

5 AS MULHERES E OS DISCURSOS DO FOUCAULT

A construção da mulher conforme as regras expostas tinham modos a serem seguidos, e acabavam sendo como as marionetes – conduzidas por alguém, faziam o que ordenavam e eram submissas de seus homens, sendo a única função a procriação. Em virtude de alguma patologia, na crença freudiana, diziam histerias, as mulheres que eram estéreis tinham o pensamento de que era uma punição, assim como a castração, na teoria se descrevia como, uma fuga da realidade (FOUCAULT, 1998).

Através da interpretação da psicanálise freudiana se construiu a ideia que a menina se repreende nos conceitos básicos da teoria como a castração, pois teria inveja do pênis/falo, alguns autores mais à frente apontam a má interpretação da teoria que acabou se difundindo na sociedade, nessa leitura se coloca o menino/homem enquanto detentor do poder representado pelo falo e a menina/mulher se tornando submissa para um dia possuir o poder.

Sendo assim, somos levados a pensar sobre o sexo não somente no seu estado biológico, mas em um contexto histórico, levando em consideração sua significância e seus discursos, pois em nossa sociedade o sexo está presente em discursos nos quais pode ser interrogado ou até mesmo capturado por certos mecanismos (FOUCAULT, 1998).

Contudo, o dispositivo da sexualidade é descrito como um jogo de poder, de quem sabe mais e consegue se sobressair diante de qualquer configuração exposta por esse “jogo”, assim com as estratégias previamente ditas são as forças que irão sustentar esse saber (FOUCAULT, 2014).

Sendo o poder do homem o de gozar de seu próprio corpo pois se ostentava-

se e engrandecia de si mesmo, porém, provinha de um comportamento oposto do que era imposto pela sociedade da época.

6 AS MULHERES E SUAS AQUISIÇÕES

A construção da mulher na sociedade provém de um ato político, pois desde o princípio a mulher não tinha direito há nada, era tratada como um objeto – os seus dotes valiam mais do que si mesma. Devido a isso, na década de sessenta com as sufragistas, no Reino Unido que foram à luta pelo direito do voto, começou a primeira onda do feminismo, a qual tirava a mulher de sua zona de conforto para irem à rua lutar por seus direitos. Assim, também foi com as mulheres negras que além de irem à luta pela equidade de gênero e a autonomia das mulheres, problematizaram nos debates de gênero sobre o racismo institucionalizado – advém com mais força na segunda onda do feminismo.

O que seria “onda do feminismo”? São as lutas que as mulheres findaram no século XIX contra suas condições, luta pelos seus direitos e sua liberdade, com isso, na época, a Igreja Católica e suas inquisições foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os dogmas que a mesma pregava, porém, não deixou as mulheres acuadas fazendo com que dessem a própria vida pela causa findada (PINTO, 2010).

A primeira onda se iniciou no século XIX até meados do século XX, as mulheres foram atrás do direito pelo voto, época na qual, foi o marco do surgimento do socialismo, a luta por direitos dos operários, e afins, porém, não incluíam as mulheres, mais a frente percorremos a segunda onda do feminismo, que ainda no século XX, entre as décadas de 60 e 70, no qual, se intitulavam de radicais colocaram em pauta sobre a condição de exploradas por conta do sexo feminino e além do mais as funções reprodutivos do sexo feminino (FRANCHINI, 2017), podemos dizer que foi o ápice da gênese da condição feminina, destroçando a construção que criaram em torno do indivíduo feminino, e assim fora reconhecida pela luta do direito reprodutivos e alterações envolta da sexualidade (PINTO, 2010).

Nessa segunda onda do feminismo, foi desenvolvido as ramificações entre o movimento feminista, pois algumas mulheres – lésbicas, mulheres da classe trabalhista, mulheres negras - não se sentiam sendo representadas por inteiras, devido a isso, cada uma querendo lutar pelas suas causas específicas, principalmente as mulheres negras, sendo esse cenário a deixa para o crescimento do feminismo

negro, culminante até na terceira onda (FRANCHINI, 2017).

E por fim, a terceira a onda do feminismo, instaurou se na década de 90, ao mostrar que as diversas opressões atingi as mulheres, cada qual, de modo diferentes, transbordando com força as discussões atuais desnaturalização do gênero, sendo assim, a ideia de que ‘se o gênero for algo mais do que feminino e masculino’, levando ao marco teórico a autora Butler com seu livro ‘Problemas de gênero, uma desconstrução feita pela própria diversidade humana que desafia a ideia de sujeitos com identidades fixas e destinos biológicos, colocando em revisão a própria sujeita do feminismo (FRANCHINI, 2017).

Tais ondas foram se processando conforme as necessidades de reivindicações que as mulheres encontravam para obter uma mudança individual e social, no meio acadêmico já há rumores de uma quarta onda, pelo uso das redes sociais para organização, conscientização e propagação da ideia do feminismo, também a rejeição do rótulo ‘feminista’ e devido a esperança entre os gêneros, a igualdade (FRANCHINI, 2017).

As mulheres se iniciaram nas lutas com o ato de ir à rua para conseguir igualdade entre os gêneros, demonstraram que elas como os homens também deveriam ter direitos, já que ambos são indivíduos singulares (FRANCHINI, 2017). Desconstruindo a forma que construíram o gênero feminino, pois demonstraram que independente de seu sexo ou gênero podem correr atrás de seus direitos, colocarem seus corpos como ato político, que são mais fortes do que dizem, e o espaço era de quem conquista e então estavam ali para conquistar (FRANCHINI, 2017). Lugar de mulheres é onde quiserem. Trabalho maquinário também pode ser de mulher. Como também o trabalho manual pode ser de homem. Assim, desconstruindo as barreiras que antigamente haviam se construído entre o gênero feminino e masculino.

7 MARIA VAI COM AS OUTRAS

Na entrevista feita pelo podcast intitulado “Maria vai com as outras”, no qual, é produzido pelo programa da rádio do Piauí que se trata sobre mulheres e mercado de trabalho, apresentado por Branca Vianna. Nesse episódio, da segunda temporada, sendo o oitavo episódio, com o título ‘a culpa não é sua’, no qual retrata sobre o assédio.

A entrevista suscita aspectos relutantes quanto as práticas ainda vivenciadas

pelas mulheres no âmbito social, neste episódio a Gabi estudante de Mestrado na área da Engenharia Industrial, contam um pouco de sua vivência num ramo estigmatizado para 'homens'.

A Gabi indagou sobre a questão de ser a primeira mulher da empresa com o cargo de mecânica e conta como foi complicado pois passou por assédio tanto psicológico quanto emocional, porém na época não sabia que estava nessa situação, hoje ela reflete como foi aquele tempo, em seu primeiro emprego, com vinte anos, teve que trancar a graduação pois teve que ir com o trabalho para fora do país – Coréia do Sul, e começa a contar sua experiência, um dia ela estava na mesa dela e um rapaz estava a encarando e ela perguntou se precisava de alguma coisa, e ele disse que não, então ela pediu que admirasse-a de longe, refere-se a si como marrenta, por essas atitudes. Hoje reconhece que não foram brincadeiras, mas ao dizer que a Gabi estava ficando com outra pessoa do serviço e ela ficava malvista devido a isso, os próprios supervisores pediam para ela pedir desculpas para o homem que fazia esses tipos de 'brincadeiras' e desrespeito.

Contou sobre a contratação feminina, disse que quando tivesse menstruada ela mentia que estava com caganeira pois era mais aceitável do que dizer que estava no período menstrual para não dar conversa sobre tal contratação e não ficar caçoando por ter contrato uma mulher.

Houvera um episódio peculiar na empresa, no qual, a Gabi achou o problema e deu a sua opinião do que fazer para resolver, porém o chefe não acatou daí ao discutir com seu colega ele achou perfeito e disse para ela ir tentar falar com o chefe só que ela disse que foi negado e disse para ele ir tentar e quando seu colega falou para o supervisor o mesmo acatou a ordem.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres são sublimes, cada qual a sua maneira; a menina ainda no ventre de sua mãe é revestida de várias estigmatizações do gênero feminino, conforme se desenvolve, cria vários anseios, com isso, o mistério se inicia quando não aceita ser apenas criança e quer ser mocinha, a mãe incentiva dando serviços domésticos, mostra que para ser uma boa mulher no futuro deve desempenhar a melhor função, a do lar. Porém, quando essa menina se torna uma mulher, na qual consegue por si só discernir os ensinamentos adquiridos no âmbito familiar e aqueles conhecimentos

adquiridos no âmbito externo, em suas relações interpessoais, começa a desvendar o seu próprio eu, decifrando a incógnita questão de ser mulher em uma sociedade que prega direitos iguais, independentemente da cor, gênero, crença e afins, mas que não sai do papel, na realidade é tudo diferente.

Então, começa a sua luta numa sociedade sexista e machista, a mulher se encontra cercada de indivíduos incrédulos na sua capacidade por ser o que é, mas para honrar aquelas que derramaram o seu próprio sangue em lutas para conquistar os direitos das mulheres e o reconhecimento de sua singularidade, há de se seguir, todas juntas somos capazes de muitas conquistas, sendo assim, uma pela outra e ambas nessa batalha.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. O segundo Sexo: Fatos e Mitos. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1980.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I - A vontade de Saber. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1998.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade in *Microfísica do poder*, p. 246. Paz&Terra. Rio de Janeiro/São Paulo, 2014.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? in: *Revista QG Feminista*. 2017. Disponível em <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a>>. Acesso em 17 de set. de 2019.

HIRIGOYEN, M.-F. A violência no casal: da coação psicológica à agressão física. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

RIBEIRO, M. O. A sexualidade segundo Michel Foucault: Uma Contribuição Para A Enfermagem. *Scielo - Rev.Esc.Enf.USP.*, p. 358-363, dez. 1999.

RUBIN, G. O Tráfico de Mulheres: Notas Sobre a "Economia Política" do Sexo, *S.O.S Corpo*, p. 1-32. Março de 1993.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.